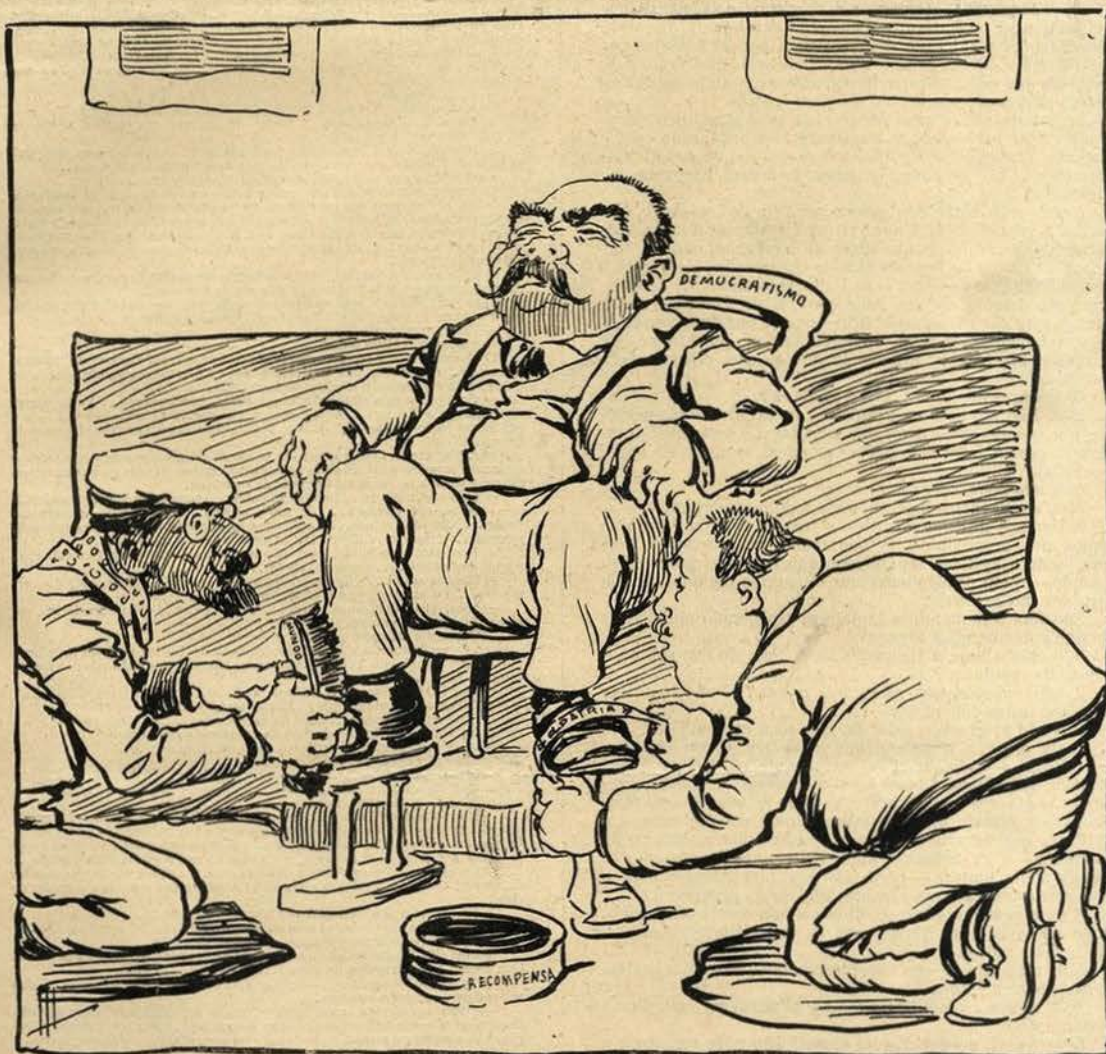




D'O Mundo, de 15-7-913:

PREPARANDO O TERRENO . . .

«Ainda assim, os ministros de 5 de Outubro não representavam o refugio da monarchia. Não. Dos ministerios partidarios organizados nos ultimos annos do regime deposto, aquelle (gabinete Teixeira de Souza) foi o unico que não combateu os republicanos por processos illegitimos. Ninguem mendigará com balseza que homens que acompanharam essa situação venham para a Republica. Mas muitos delles podem e devem ser bem acolhidos no campo republicano se nelle quizerem colaborar a favor do paiz.»



Dá-lhe cuspo; dá-lhe sebo; dá-lhe graxa . . .

RETROCEDER

Dizia ha dias o aeroplano jornalístico do Dr. Antonio José Banana d'Almeida que a Monarchia era impossível restaurar-se em Portugal, porque o paiz não podia retroceder.

Esta parvoçada, á força de ser repetida, já creou foros dogmaticos entre as gentes habituadas a aceitar como ouro de lei, todo o latão luzente que os luminosos senhores se lembrem de impingir á sua confrangedora ingenuidade.

Nós não sabemos se a Monarchia volta ou não volta e nem mesmo este é o caso que pretendemos discutir. O que hól com os nervos e nos faz ter um mixto de comiserção e de tedio pelo attentado ao caco alheio, é a chochice da affirmção com que repetidas vezes os super-homens da republica brindam a pacovice nacional.

Isto não pode andar para traz — dizem uns. O paiz não pode retroceder — gritam outros.

Com estas bombasticas phrases S. Ex.^{as} liquidam a questão. Nem a logica, nem o ensinamento da Historia lhes merecem mais demorada attenção.

Magistre dixit! Prompto.

Faz tristeza, pois não faz?

Não ha duvida que faz, mas tambem faz mais alguma coisa. E essa mais alguma coisa é o sentimento que deve corresponder á intenção da velhacaria, porque aquellos que tal affirmam devem possuir a indispensavel illustração, para saberem que estão intrujando o proximo e, portanto, velhacamente praticando um *delicto d'informação*.

Se a sequencia d'uma Monarchia a uma Republica representa *andar para traz*; se a restauração d'um throno apóz o regimen republicano significa *retroceder* — que consciences caranguejos são os povos italianos, francezes, hespanhoes e inglezes!?

Muito deve então ter *andado para traz* a Inglaterra, que banii a republica de Cromwell para restaurar a sua antiga forma de governo? E que dizer da Hespanha, que em dois annos se fartou de experiencias do barrete phrygio, *retrocedendo* ao throno secular? E da Italia, com uma serie de *arrecuas* nos tempos da sua fundação? E de França — d'essa França que vae na 3.^a republica — que já por duas vezes *retrocedeu*, dando-nos assim a impressão d'um povo que está a dançar o maxixe ora avançando dois passos, ora recuando outros dois?

Que exquisitos povos, não é verdade?

Não. Não são elles os exquisitos. Os exquisitos são aquellos que, vendo estes exemplos tão frizantes e alguns tão recentes, ousam fazer affirmções erroneas, como as do orgão evolucionista.

Que não pode andar para traz!

Mas, em primeiro logar, occorre logo esta pergunta.

E teremos nós *andado para frente*? Em quê? Em que temos nós progredido? O que temos nós lucrado? Porque ha-de o systema republicano considerar-se progressivo quando — é um principio assente — nenhum regimen contém virtudes intrinsecas?

Não terá a monarchia Inglaterra prosperado muito mais do que a democratica França?

Não estará hoje a Hespanha mais feliz do que sob a vigença da republica?

E não *retrocederam* estes dois paizes? E não *andaram para traz* estes dois povos?

Mas não precisamos sahir de casa para exemplificar.

Basta olhar a liberdade que todos nós (monarchicos e republicanos) disfructavamos no passado regimen, e a que estamos disfructando; basta olhar as envergaduras dos governantes *ominosos* e comparal-a com as actuaes *luminosidades*; basta olhar a situação internacional que tínhamos em 1910 e a que actualmente temos; basta olhar a situação do commercio e da industria antes do elemento redemptor e depois d'elle tomado — para fiarmos identificados com o *avanço* d'estes tres annos incompletos de... progresso.

E se algum indiscreto abelhudo ainda quizer olhar mais, deite então as suas vistas para os casos Hinton, Ambaca, S. Thomé e outros.

Ahi, sim. Ahi é que incontestavelmente muito se tem *andado para a frente*.

Será a este *retroceder* que elles alludem no caso d'uma restauração?

E' provavel, porque d'outra especie não pode ser, como a Historia claramente demonstra com os seus repetidos exemplos.

DOIS GENIOS

Uma commissão de professores das escolas normaes de Lisboa, acompanhada pelo seu director, sr. Thomaz da Fonseca, foi, hontem, cumprimentar o novo ministro de instrução publica.

(Dos jornaes).

O sr. Sousa Junior tinha chegado ao seu gabinete e o continuo correa logo a participar a S. Ex.^a que na sala de espera estava muita gente aguardando o momento de o ir felicitar pela sua nomeação para a nova pasta de instrução publica.

O popular auctor da lei dos ratos, com a satisfação a ballar-lhe no rosto por aquellas deferencias e homenagens, olhou a sua figura na vidraça da janella, compoz a gravata, puxou os punhos e sentou-se á secretaria, ordenando ao continuo:

— Mande entrar.

— Quem recebe V. Ex.^a primeiro?

O Sr. Sousa Junior reflectiu um instante.

— E' verdade, quem ha-de entrar primeiro? Não sei ainda bem as phrases... Espere ahi, não mande por enquanto entrar ninguém. Olhe... deixe cá ver a lista dos telephones... Não... não é preciso... Na estação devem saber. Espere ahi um instantinho no corredor, que eu chamo já.

O continuo inclinou-se, respeitoso e o illustre ministro de instrução, pegando no auscultador do telephone, pediu para a estação.

— Ligue para o Sr. dr. Affonso Costa... Sim... para o Sr. presidente do ministerio... Sou eu, dr. Sousa Junior, o dos ratos, isto é, da instrução... ministro da instrução publica...

Minutos depois estava a ligação feita.

— E' você, Affonso?... Está... Olhe... Como passou... Vae-se indo... Sabe, tenho uma duvida... Não, não é isso... A minha duvida é protocolar, não é scientifica... Não sei quem hei-de receber primeiro... Estão muitas pessoas na sala para me cumprimentarem e ignoro as phrases... Bem vê, a falta de pratica... Ah! sim... os de mais representação primeiro... Sim, comprehendendo, commissões de escolas... collectividades... Bem, bem... obrigado... Desculpe, sim... Isto d'aqui a pouco está tudo sabido... obrigado...

O Sr. Sousa Junior pousou o auscultador no descanço e em seguida tocou a campainha.

— V. Ex.^a chamou?

— Mande entrar... Olhe lá, quem está ahi de mais representação?

— De mais representação... Assim de cór não me lembro... Mas se V. Ex.^a quer eu vou perguntar...

— Homem, essa é boa! Então você não sabe? Pois isso é uma coisa que se vê logo... Basta olhar para o todo, para a distincção das figuras...

Pois ahi é que está a difficuldade. São todos eguaes... O feroz perseguidor dos murganhos sorriu com ar de superior satisfação.

— Vê?! Ora aqui tem um systema bem significativo do regimen republicano, a equaldade. E' para que saibam que isto agora é tudo muito diferente, graças a Deus... não, graças a Deus, não... graças ao Sr. dr. Affonso Costa. Bem, mas diga-me lá: está ahi alguma commissão de escolas, alguma collectividade scientifica...

— Está sim, Sr. doutor, uma commissão de professores com o director das escolas normaes, o Sr. senador Thomaz da Fonseca...

— O quê?! Está ahi esse meu prezado collega do senado! Homem, porque não disse isso ha mais tempo! Mande entrar, mande entrar já...

— Com a commissão?

— Sim, que venham todos...

O continuo correu rapido e cumpriu a ordem, e o Sr. Thomaz da Fonseca, á frente da commissão dos professores das escolas normaes, deu entrada no gabinete do esparçoso ministro da instrução.

— Collega, quanto sinto tê-lo feito esperar, mas ignorava... Então, fazem obsequio de se sentar... Aqui, collega Thomaz... O seu chapéu... e o Sr. Sousa Junior, muito obsequioso, lá indicando cadeiras aos professores da commissão.

O Sr. Thomaz da Fonseca, que, revestido de grande magestade, aguardou o momento proprio para ler ao novo ministro a mensagem das escolas normaes, avançou hirto e solemne até defronte da secretaria.

— Ex.^{mo} Sr. ministro de instrução publica — começou o illustre senador...

— Nada, não consinto... Eu sou o mesmo... Lá por estar ministro não mudei... Não sou vaidoso... Você, Thomaz, continue tratando-me como antigamente... Sousa cá... Sousa lá... Ora essa! Era o que faltava...

— Mas, meu caro Sousa, bem vê que se trata d'uma mensagem collectiva e você é o ministro... é o nosso chefe...

— Mesmo assim... Não quero, até parece mal... Nada, nada de ceremonias... Eu sou sempre o mesmo Sousa...

— Bem, visto que tanto insiste... então lá vae... Meu caro Sousa, ministro d'instrução publica...

— Ora assim mesmo é que é...

... O professorado das escolas normaes de Lisboa sente-se orgulhoso por ver na cupula do edificio instructivo uma figura de tão elevado merito como V. Ex.^a...

— Mau! O que disse eu?! Nada de V. Ex.^{as}...

— Então como hei-de dizer? Está cá escripto assim...

— Salte na excellencia... Salte na excellencia...

O Sr. Thomaz da Fonseca saltou na excellencia e continuou:

... Ninguém melhor do que... do que... do que...

— Você está imcommodado, Thomaz?

— Não, mas é que está outra excellencia...

Ora, francamente, mas que incommod com que os meus amigos estiveram... Eu não gosto d'essas coisas...

— Olhe, o melhor é resumido — propoz o Sr. Thomaz da Fonseca já muito maçado. O nosso fim é congratular-nos com a sua ascensão ao poder, significando-lhe a nossa admiração pelos seus trabalhos legislativos, entre os quaes se conta a celebre lei dos ratos, que por si só vale a gloria d'um partido...

— Favores, meu caro Thomaz, favores seus. E então a sua lei das creadas de servir! O que dizer d'essa maravilha! A minha dos ratos fica a perder de vista...

— Não, lá isso não, Sousa. A sua tem mais alcance...

— Oh! Mas a das creadas é profunda na modalidade. Só aquelle artigo que obriga as servicias andarem sempre em grupos de cinco...

— Pois sim. Concorde que tem bastante de superior. Mas o seu dos rabos!

Que talento e que largueza de vistas!... — Appoiado! Appoiado! — bradou a commissão entusiasmada. O dos rabos é de verdadeiro estadista...

— Muito agradecido, meus amigos, muito agradecido. Creiam que não esquecerei a vossa homenagem, e se os murganhos mereceram a minha attenção, não a merecerá menos, embora por vias diversas, a causa do magisterio...

O continuo, pedindo venia, entrou n'este momento.

— V. Ex.^a dá licença?

— O que é?

— Está lá fóra um grupo de professores que deseja tratar da criação d'uma nova escola...

— Então você não sabe que esses assumptos não se tratam aqui...

— Ignorava, sr. doutor. Como é aqui o ministerio d'Instrução, pensei...

— Mas ahí é que está o engano. Aqui não é o ministerio d'Instrução porque esse ministerio não existe...

— Ora essa — reffilou a comissão das escol's normaes.

— E' assim mesmo, meus amigos. O ministerio não existe. O que ha é um ministro para receber cumprimentos, e esse ministro — accrescentou o Sr. Sousa Junior muito satisfeito — sou eu.

— Mas então os assumptos d'Instrução?

— Ah! Isso trata-se, se não me engano, no ministerio do interior. Ha lá uma dependencia para tratar d'essas coisas.

O continuo retrou-se e o Sr. Thomaz da Fonseca, acompanhado da comissão, deu os seus cumprimentos por findos.

TALENTO ADMINISTRATIVO

Um jornal democratico qualquer publicou ha dias o rol das despesas do Sr. Affonso Costa, chegando á conclusão de que o Homem Forte (não confundir com o Homem de Ferro da procição de S. Jorge), depois de pagar ao automovel e gratificar o *chauffeur*, fica, para governar a sua vida particular, com 25 mil réis por mez!

Realmente seria confrangedor se se não tratasse do grande financeiro que é o Sr. Affonso Costa. Mas assim não, e os factos ahí o estão a attestar.

Com 25 mil réis por mez o illustre Czar consegue ter (oh! assombro! oh! maravilha!) uma esplendida casa em Lisboa com todos os confortos e commodidades, situada n'uma das Avenidas mais caras e luxuosas, e um magnifico *chalet* na Suissa, recheado de tudo quanto é bom, segundo dizem! Mais ainda. Com tão modica quantia S. Ex.^a ainda consegue ter os filhos a estudar no estrangeiro!!

E' verdadeiramente assombroso o talento administrativo d'este homem!

Vá, ponham aqui os olhos, seus pelintras mal governados que andam sempre a dizer que oito tostões por dia quasi não chegam para o pão!

Estafemos de Górgonias.

Agora é que já nos não admira nada o que Elle fez com o orçamento do Estado.

Quando com 25 mil réis consegue tanto...

OS CÃES LADRAM...

Nem tudo lemos, porque o nosso estomago, bastante delicado, comprime-se n'uma contracção de vomito ao saber-se em presença de qualquer coisa *immunda*...

Certo goso, junto á porta do dono, ladra-nos ás canellas... Que vá ladrando, nos intervallos da sua brilhante actividade plúmifia, fértil em madrigacs a conhecidias flores de aloucoe...

Os cães ladram e a caravana passa...

Espirito... de absorpção



«O novo ministerio de Instrução Publica está, como toda a gente sabe, instalado interinamente n'uma das dependencias do ministerio do Interior. E' portanto hospede d'este ultimo ministerio. Pois, apesar d'isso e não tendo em conta alguma a sua situação especial, o novo ministro, sr. Souza Junior, já commetteu um acto inteiramente arbitrario e que, por signal, é o acto mais importante que até ao presente assignalou a sua interferencia nos negocios publicos.

O novo ministro appropriou-se inteiramente de uma retrete do ministerio do Interior, reservando-a para seu uso privado, pois que, tendo pedido a chave respectiva, a metteu no bolso, declarando auctoritariamente que de ora avante ninguem mais ali entraria senão elle. Levantou finalmente, ao que parece, o Sr. Souza Junior, um throno a seu gosto.

Devemos concordar em que, se o facto é digno de registo, não é menos merecedor da caricatura.»

(Do jornal A Republica.)

"OITO DE JULHO"

Um mimo de *fraternidade*, união, paz e amor, o supplemento ao n.º 40 do orgão dos democraticos de Chaves!

Começa assim:

**"Abaixo o Governador Civil!
Abaixo a Comissão Administrativa!
Abaixo o Administrador do Concelho!
Abaixo a "Tropa Fandanga",!**

Comissão Municipal Republicana: — Resolveu por unanimidade não

tomar parte nos festejos do 8 de julho, protestando contra a nomeação da actual Comissão Administrativa, composta de elementos nocivos ao regimen.

Centro Democratico 8 de julho: — Resolveu por unanimidade não tomar parte nos festejos do 8 de julho como protesto contra a nomeação da Comissão Administrativa, composta de individuos incapazes de defender a Republica, alguns comprometidos na conspiração monarchica.

Atradores Civis: — Que prestaram serviços á Republica — Resolvem por unanimidade não partilhar das festas do primeiro anniversario do 8 de julho como protesto contra a nomeação da Comissão Administrativa composta de elementos hostis á Republica.

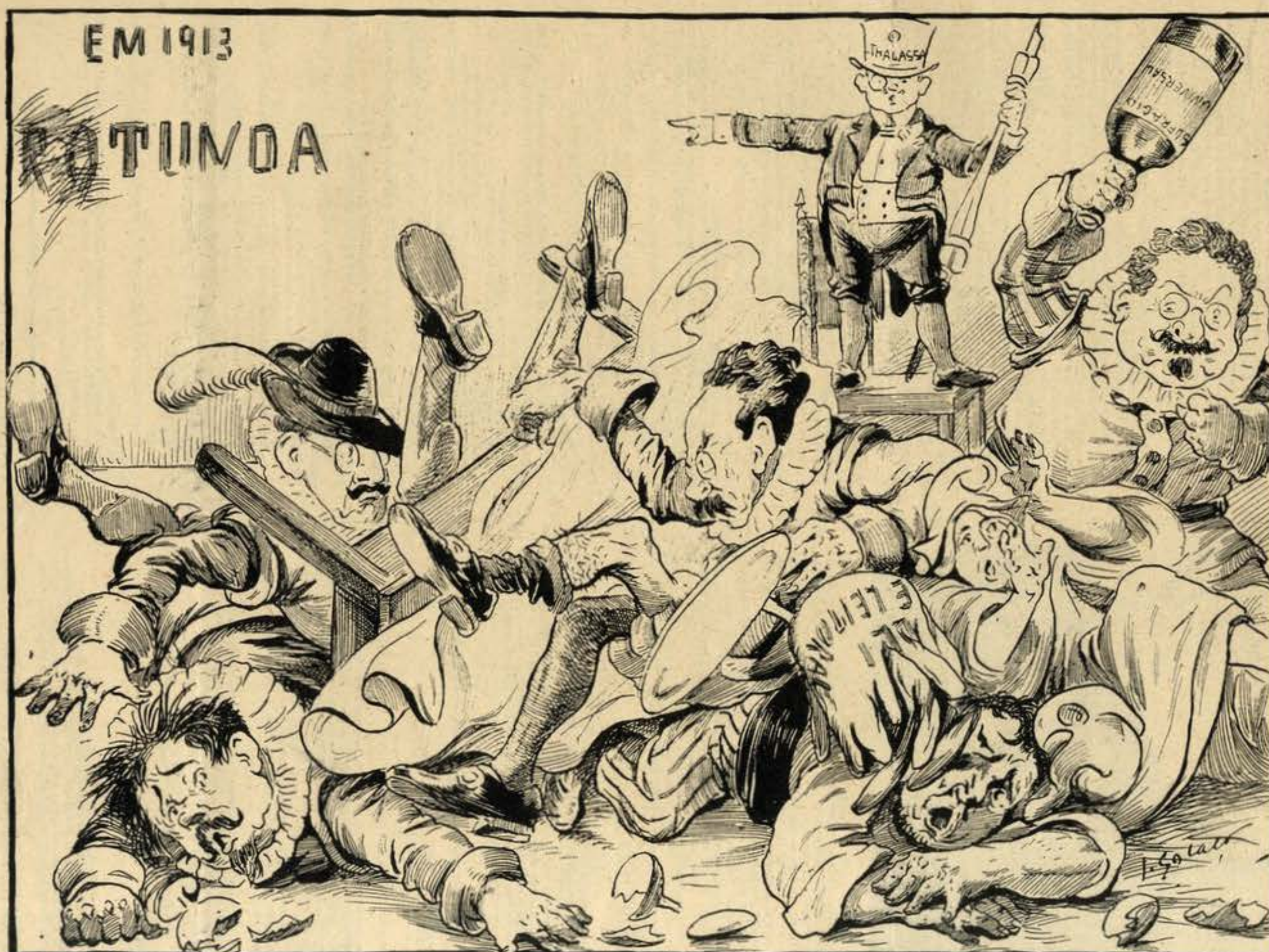
O fim pôdem os leitores calcular. Com tanta *fraternidade*, quem diabo faria a festa?

Após o 5 d'outubro



Bebam, que lhes dou eu!

Vinte e sete mezes depois



Tomem, que lhes dou Eu!

MARIO GALRÃO



Chegou ha dias á cidade de Belem (Pará), este nosso querido amigo, que as perseguições politicas atiraram para o exilio depois de lhe terem escavacado todo o mobiliario e material typographico do *Diario Illustrado*, de que era ultimamente proprietario e director.

Mario Galvão resolveu ir para o Brazil empregar a sua actividade e a sua intelligencia. Para ali partiu no principio do corrente mez cheio de esperanças, mas com o coração a sangrar pela Patria, que nunca esquece, e onde conta em cada cantinho uma amizade sincera.

Não pretendemos n'este momento fazer a biographia do ultimo director do *Illustrado*, por sêr um assumpto diverso da indole do nosso jornal.

Unicamente registamos a sua inserção saudosa a figura de grande valor intellectual e moral de Mario Galvão, honrando as nossas paginas com o seu retrato.

São tão raros os caracteres como este!...

AUTHENTICO

Ha dias um inquilino foi pagar a renda ao senhorio. Este recebeu a importância e passou o competente recibo, como de costume, em réis, pois em réis tinha recebido o dinheiro.

O inquilino porém não se conformou com esta antiguidade ominosa e exigiu novo recibo, passado em escudos.

Querem então saber o que fez o *thalassão* do senhorio?

Com a sua melhor calligraphia distinguia a *syllaba central* da nova moeda escrevendo-a com letras maiúsculas!...

Já é vontade de crear dificuldades á republica...

OUTRA VEZ?

Dizem os jornaes:

«Hontem á noite, proximo das 23 horas, uns populares foram participar á esquadra das Monicas que, na calçada dos Cavalleiros, haviam disparado uns tiros de umas aguas furtadas. Immediatamente partiu para o local o chefe Simões, acompanhado por alguns guardas, comparecendo tambem o cabo Guerra do posto da Mouraria. Feitas algumas investigações, nada se pôde averiguar, ignorando-se de onde e quem disparara os tiros. Na calçada dos Cavalleiros juntaram-se alguns populares, entre os quaes se viam alguns republicanos dedicados, que no local ficaram de vigia a fim de descobrirem os auctores da proeza.»

Isto deve ser obra d'alguem *jazuita* do Quelhas que, tendo estado escondido nos subterraneos, fugiu para os telhados da rua dos Cavalleiros e poz-se aos puns... para crear dificuldades... á pituitaria dos *patriotas*.

Não pode ser outra coisa.

BOLAS!

Prompto, é dos livros!

Quando ha qualquer tentativa revolucionaria, a culpa é dos thalassas. Já quando foi das grèves operarias, eram elles os *agitadores occultos*; quando do 27 d'abril a mesma coisa; quando de 10 de Junho, idem. E agora repetiu-se a *fita* a proposito do projectado movimento syndicalista-republicano do dia 19.

Olhem, a unica resposta a dár compativel com a decencia é... bolas! Então de todas as investigações criminaes a que tem procedido nem uma unica mostrou a responsabilidade de qualquer monarchico n'esses movimentos revolucionarios, mas estes é que tem culpa?!?

Bolas! Bolas! E bolas!

Ah! que se os *despotas ominosos* tivessem procedido com o mesmo criterio quando foi de 1 de fevereiro, o que não teriam dito os republicanos!...

CHRONICA DE VERÃO

As Silvas na Buraca

Pois as Silvas lá estão installadas na Buraca, n'um rez-do-chão com cinco compartimentos a que pomposamente chamam o seu *chalet*.

O casinhoto fica no meio da estrada junto a uma poçigla que o pae Polycarpo admira, chamando-lhe a *natureza viva* e onde a Bia ve todas as manhãs de roupão branco e ferinhos no cabelo, levar a lavadura ao porco.

No compartimento maior — o que tem porta para a estrada — é a sala, mobilada com uma mesa grande de pé côxo, oito cadeiras de diversos feitios, um caixote forrado de chita côr de rosa (a que a Bia chama o *trinchante*) e um armario velho onde se guardam os vestidos melhores e alguma loiça desirmada.

Na parede uma oleographia berrante representando o Sr. Affonso Costa a expulsar os Jesuitas com gesto pomboalino.

No quarto seguinte dormem os respeitaveis donos da casa. Uma cama de ferro, estreita, empriada pela vizinha do 3.º andar da casa de Lisboa (para evitar que o leito grande de madeira se partisse na carroça), duas malas forradas de pelle vistosa e um banco com um alguardar em cima, desempenhando as funcções do lavatorio, completa o mobiliario do quarto do Sr. Polycarpo Silva e da sua esposa D. Annica.

Segue-se então a alcova da Bia, onde a Gertrudes tambem dorme porque na cozinha (um metro quadrado de lagedo) não podia estender-se o colchão por causa da parte que deita para o quintal.

A Bia ainda protestou contra aquella promiscuidade com a sopeira, mas não houve remedio se não ceder, porque o quarto restante (o espaço do vido da escada) tinha que ser para a avó, a virtuosa viuva do Sr. Januario, que declarou logo — querer um canto só, para estar á sua vontade.

O Silva ainda chegou a alvitar que se fizesse a cama da pequena todas as noites na casa de fóra por ser mal arejada, mas razões d'ordem social obrigaram a pôr esta ideia de parte: parecia mal por causa das visitas.

— Não pode ser — objectou a D. Annica. — O Vasco vem logo de manhã metter cá o nariz e não ha-de dar com a pequena detida na sala.

— Eu logo disse, assim que vi a casa, que não servia, mas o senhor quiz por força metter-nos n'este buraco.

— Ora, a mamã falla bem! O que queria então que eu alugasse? Talvez o chalet do Brito!...

— E então! Quem tem familia deve dar-lhe as commodidades precisas. Assim pelo menos é que procedem os donos de casas que sabem cumprir os seus deveres...

— Lá vem a piada! A senhora é impossivel com os seus remoqueos...

— Ai, descance, se não estão bem por minha causa vou-me embora. Já comprehendi perfeitamente... Ora esta, esta! O' Annica, dá cá a minha mala...

— Mas que tolice, Polycarpo. Elle não disse aquillo para a offender, mamã...

— Ai, nada que não... Eu não ouvi o teu marido dizer que eu precisava com uma moca...

— Eu não disse isso... A senhora inventa...

— Vês, Annica, vês. Agora diz que eu invento... Chamou-me falsaria...

— Não, minha querida filha, tenho muita pena de ti, porque merecias uma outra qualidade d'homem, mas não quero ser a causa da desunião na tua casa... Ora esta... Falsaria!...

— Aqui tens Polycarpo, aqui tens a tua obra... A mamã quer ir-se embora por causa dos teus insultos...

— Irra! Eu não a insultei... Ella é que começou a descompôr-me por causa da casa. O que quer que eu faça? Só se fór roubar...

— Vá, diga mais. Agora insinue que eu o aconselho ao roubo... Ora o desafio!... Até ladra...

— A senhora não diga mais... Olhe que eu perco a cabeça...

— Ai, que me está ameaçando...

— Januario, que fazes...

— O que é isso, papá... O que foi, avó... Mas que vergonha... — e a Bia chegou á janella e fechou a vidraça, sustentando na mão direita o ferro de frizar que compremia os chis-chis.

— Calem-se... calem-se, que ahí vem os Alves.

Este annuncio produziu um effeito immediato.

A D. Philomena foi logo a correr enfiar «uma sala mais decente» e o seu enfurecido genro dirigiu-se para a porta com o melhor dos seus sorrisos.

Pela estrada fóra a mãe Alves, com as duas meninas á frente, avançavam em passo de procissão já muito espartilhadas e imponentes.

— Ora vivam! Então como passaram a noite?

— Muito bem... Muito bem... E vocês como estão? O Sr. Alves como está?

Entraram todos para a sala de fóra, e a conversa generalizou-se cheia d'animacão.

— A Annica até parece que tem já melhor parecer...

— Ai, não me admiro nada. Isto aqui é um socego. E o ar?! Que belleza d'ar...

A D. Philomena, que já tinha vestido a saia, surgiu então muito risonha com uma *matinée* branca toda engommada.

— A cozinha, afinal parece bem boa...

— E' pequenina mas tem todas as commodidades...

— O Polycarpo quiz ir alugar outra, mas...

— Sim, eu queria alugar ali o *chalet* do Brito, porque me custa que a mamã não tenha um quarto com janella...

— Ora essa, era o que faltava! Opponho-me terminantemente...

E o Polycarpo e a sogra olharam-se com a meiguice... das feras.

As Alves então contaram que vinham não só para sabermos como tinham passado como tambem para lhes dár uma grande novidade.

— Ora advinhem lá quem vem ahí no domingo jantar com o Abreu?

— Quem é? Quem é?

— O Senador Sá!...

— Ah!

— E lembrámo-nos que talvez vocês quizessem fazer um pic-nic e convidá-lo...

— Pois não!

— Olhe o papá escreve ao Antunes do *Mundo* para elle dár a noticia, sim?

E desde aquelle momento todas as atenções da Buraca ficaram prezas no pic-nic de Domingo.

Contaremos o que se passar.

AGRADECIDOS

Aos nossos collegas *Nação* e *Terra Livre* agradecemos a transcripção do nosso artigo «Processo facil», de 11 de corrente.

NA CHOUPANA DO THALASSA

imitação a

CBOÇA DE MEM RODRIGO

DE

Francisco Manuel do Nascimento

Que triste vida na fôssa
D'esta vil democracia!
Que rostos tão magoados!
Que suspiros abafados!
Cada noite e cada dia.

Conspiradores! Que vigília!
Como é crua a tua vida!
Recordando a liberdade
Que em plena fraternidade
Já te não é permitida!

Dorme Affonso em cama xplendida,
O thalassa, todo brio.
Nem dorme n'uma cadeira,
E o pobre Zé n'uma esteira
Ou nos bancos do Rocio.

— O thalassa não se aparta
Da imagem do Santo Christo,
E nos pés da Virgem Maria
Só lhe pede monarchia
P'ra deixar de ser calixto.

— Na choupana do thalassa,
Que era toda paz e amor,
Todos tremem com receio...
Pinta-se o caso tão feio...
Que a vida é mesmo um terror!

Bate-lhe á porta a pobreza,
Sente frio em pleno abril,
E para evitar a morte
Requisito um passaporte
E parto para o Brazil.

Saco ás costas qual mendigo
Pede o pobre para os seus;
Mas, se fugiu grandeza,
Morre de fome a pobreza
Que fica á conta de Deus!

De manhã pede trabalho
Batendo á porta do rico,
Reza, crente, um Padre Nosso
Finje que trata do almoço
Mas nada mette no bico!

Affonso não vê, não sente,
Só tem ideias lascivas,
Aceita bem as intrigas
E só murcha nas fadigas
Quando lhe faltam os vivas.

Sempre junto do trabalho,
O carbonario risonho
Abraça cheio de gloria,
Co'a perturbada memoria
De quem desperta o seu sonho.

Por outra phase ainda passa
O algoz de Portugal,
Perde-se a luz cambiante
D'essa razão vacillante
Sente o remorso do mal!

Limpa a luneta, mas qual;
Rouqueja-lhe a voz quebrada
E só lhe acalma o tormento
O canto avinhado e lento
D'um fadista á desgarrada.

Era uma trova do Porto,
Da sua these a herança,
Era uma trova que amava
Poís, se um fadista a cantava
Era, um hymno d'esperança.

Malditos sejam os padres,
As devotas e os thalassas,
Seminaristas e madres
Sejam novas ou carcassas.

Maldito seja o Machado
Mais o Camacho e o Antonio;
Eu quero tudo arrazado,
Só fico bem com o demonio.

Ei só preciso da brisa
E dos fadistas mais vates
Para á noitinha, em camisa,
Me refrescar os... Penates.

UM THALASSA.

OS ACONTECIMENTOS

Sem que commentemos, seja-nos permitido protestar contra os tragicos acontecimentos da madrugada de domingo.

Ninguém bem intencionado pode applaudir a furia cannibalesca que mais uma vez fez correr o sangue de innocentes.

Para nosso prestigio, bom será que o caso se não repita.

A MORTE DO MONSTRO

Milagre de Santo Affonso

Vou contar o caso atroz
de um homem — quasi um rapaz! —
que, n'um momento fugaz,
na *Historia* o seu nome pôz.

Surge debaixo dos pés
— como o outro que lá diz —
a *Gloria*. — O Acaso quiz
mostrar-o mais uma vez.

la o Déficit minaz
caminho do Calhariz
quando o Destino-infeliz
lhe pôe á frente o rapaz.

— Foi um acaso feroz;
pois ia a partir... talvez
para S. Thomé, de vez...
o moço que, hoje, é algôz;

e, sem mais *chús* nem mais *bús*,
n'esse momento fugaz,
esse homem — quasi um rapaz! —
deita-lhe a mão... «Catrapuz!»

E, n'esse momento atroz,
ouviu-se primeiro um «Zás!»
e a seguir ouviu-se um «Trás!»...
E em que estado logo o pôz!...

A seguir ao «Zás!» e ao «Trás!»
é que se ouviu: «Catrapuz!»
— ruido este que produz
o embate com tal rapaz. —

Como a tréva tem ardis!
na escura noite fugaz
cortou á direita: «Zás!»,
e á esquerda: «Tráz!» — quanto quiz!

Tenta ainda erguer-se, audaz,
o Déficit... mas produz
o ruido: «Catrapuz!»
caindo inerte. — E ali jaz! —

Que Affonso, tornado algoz,
cortou a torto e atravez,
— como nenhum outro fez —,
sereno, sim... mas feroz!...

Camacho, de olhar minaz,
receia que o sangue á flux
lhe encharque a *Lucta*... — Jesus!
o que o démo ás vezes faz! —;

E avança; córre veloz;
*rás*pa um fósforo; faz luz;
e o seu pasmo assim traduz
frente a frente do algôz:

«Oh! ex-Deus! ex-Deus, que dás
«protecção a quem mal fez!»
«oh! jámais, de alguma vez»
«tu foste um deus tão capaz!»

«De tantos... só um rapaz»
«matar, como este aqui fez»
«a besta de quatro pés...»
«tendo o Vicente por traz!»

«Foi um milagre de truz!»
«— Matal-o; — e, por um triz»,
«poder dizer ao paiz?»
«O pão... de graça... já puz!» —

Eis o milagre que fez
Santo Affonso da Cos
ta, um moço, quasi um indez,
ao topar o monstro... a sós!

«SUPERAVIT».

* «besta de quatro pés»... Veja-se a *Lucta* de todos os dias. O chronista é consciencioso; e não podia occultar á *Historia* a linguagem... camachista. E, se não fôra a necessidade da *rima*, «pés»... era outra coisa!

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES,?"

N'este regimen das *lúcunas*,
Pelos *nónes* celebrado,
Dizer qual d'elles o mais *nónes*
E' um caso muito intrincado.

No parlamento se vê,
Como esta horda selvatica
Vomita asneiras em barda,
Dando coices na grammatic.

Inda que eu votar quizesse
N'algun *para lamentar*,
Deixava os outros de fóra
Sem ter razão p'ra os deixar...

E a salvação d'esta patria,
Que p'la *Historia* se aquilata,
Está nas mãos d'estes *nónes*?
D'estes *Callinos da Matta*?

UM QUE NÃO VAE NA FITA.

Disse, digo e direi,
Embora não tenha tino,
Que o parlamentar mais *nónes*
E' o Fonseca do Faustino,

MANUEL DUARTE.

Nas pesquisas de saber
Qual o *Nónes* mais supino,
Dos *inlústres* parlamentares
Vou ver tambem se opino.

X.

N'esse *saperavit* de *Nónes*,
Que pulullam em S. Bento,
Uns verdadeiros trombónes,
Mas sem tino nem talento.

E' bem difficil apartar
Um *Nónes* pouco calino;
Mas... lá vae um exemplar:
O nosso grande Faustino.

UM JASUITA.

O parlamentar mais *nónes*
E republicano historico
Só um ha incomparavel:
E' o nosso querido Celórico.

CAIXINHAS.

Inda que cortam o Mundo,
Andando por Seca e Meca,
Não encontram maior *Nónes*
Que o marau da Bibliotheca.

ALFARRABISTA COMIDO n.º 3.

O PÃO NOSSO...

Porque os bombistas deitaram bombas, lá foram prohibidos de circular os nossos collegas *Dia* e *Intransigente*.

Escusado é dizer que protestamos contra mais este atropello, de que foram victimas aquelles nossos collegas.

... e viva a liberdade de imprensa!

Ora, pois!...

THEATROS

Republica. — A's 8^h 1/2, e 10^h 1/2. — *De capote e lenço*.

Apollo. — A's 9. — *Sempre casto*.

The Splendid Fox Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

ESPIRITO D'ECONOMIA



**A' falta d'automovel, S. Ex.ª vae de burro, o que é mais democratico...
Cautella com o burriqueiro, que quer pôr um cardo...**